



Anuário da Produção Acadêmica Docente

Vol. 4, Nº. 8, Ano 2010

Caroline Pinto de Oliveira Orsi

*Universidade Anhanguera - Uniderp /
Centro Universitário Anhanguera
unidade Leme*

caroline.orsi@aedu.com

Cintia Galeni

*Universidade Anhanguera - Uniderp /
Centro Universitário Anhanguera
unidade Leme*

cintia.galeni@aedu.com

Greice Benetti Meira

*Universidade Anhanguera - Uniderp /
Centro Universitário Anhanguera
unidade Leme*

greice.benetti@aesapar.com

Anhanguera Educacional Ltda.

Correspondência/Contato
Alameda Maria Tereza, 2000
Valinhos, São Paulo
CEP 13.278-181
rc.ipade@aesapar.com

Coordenação
Instituto de Pesquisas Aplicadas e
Desenvolvimento Educacional - IPADE

Informe Técnico
Recebido em: 3/5/2011
Avaliado em: 31/5/2011

Publicação: 9 de agosto de 2011

JOVENS E A MODALIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: RECONHECIMENTO OU PRECONCEITO?

RESUMO

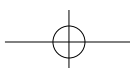
A modalidade de ensino a distância tem crescido em grandes proporções no Brasil e no mundo, mas ainda percebem-se resistências quanto a essa modalidade de educação. Até o momento, são poucas as pesquisas sistematizadas que buscam identificar a explicação para esse preconceito e caracterizar sua segmentação. Nessa pesquisa buscamos identificar qual é a aceitação da educação a distância entre os jovens que estão terminando o ensino médio e definindo o curso de graduação em que ingressarão. Nosso intento era verificar se essas pessoas, que estão mais familiarizadas com as tecnologias de informação e comunicação, teriam alguma restrição ou preconceito em relação a cursar uma graduação na modalidade a distância. Identificamos, através de um estudo qualitativo, com a aplicação de questionários, grande resistência entre os jovens que colaboraram conosco, resistências essas oriundas da desinformação sobre a metodologia empregada nessa modalidade de ensino.

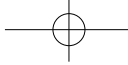
Palavras-Chave: geração Z; preconceito; desinformação; metodologia EaD.

ABSTRACT

The distance education mode has been increased rapidly in Brazil and all of the world. However, there is a resistance about studying that segment. At the moment, there are not surveys that focus the origin of this kind of resistance and prejudice. Because of that, we are trying to identify the acceptance of high school students and what they think about the distance education. Our goals are to apply questionnaires with these students, more specifically, the last high school year, in attempt to identify if there is some restriction with that different educational system, called distance education. Qualitative surveys were raised, which it is possible to realize a lake of information about the distance education meaning, resulting in a prejudice with this educational mode.

Keywords: Z generation; prejudice; lake of information; distance education; methodology.





1. INTRODUÇÃO

A modalidade de Educação a Distância (EaD) é aquela onde os alunos e professores não estão presentes fisicamente em um ambiente de ensino-aprendizagem, permitindo o auto-estudo em tempo distinto (MORAN COSTAS, 2009). A EaD não é uma prática recente, em 1858 a University of London, na Inglaterra, começava a atender aprendizes por meio de seus cursos por correspondência e, em seus mais de 150 anos de atuação, essa instituição atendeu milhares de aprendizes, inclusive pessoas ilustres como Mahatma Gandhi, Nelson Mandela, Wole Soyinka (LITTO; FORMIGA, 2009). O que é novo nessa modalidade de ensino é o emprego das novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs) que possibilitou a implementação de novos modelos de EaD, mais atrativos, e atender uma grande quantidade de alunos simultaneamente.

O crescimento e disseminação dessa modalidade educativa nos levam a crer, como Nunes (2009), “que a educação a distância tem uma longa e diversificada trajetória, está em todos os cantos da Terra e se desenvolve cada dia mais.” (NUNES, 2009, p. 7). Litto e Formiga (2009), ao organizarem uma coletânea sobre o “estado da arte” da EaD, também se mostram otimistas e concluíram que “tudo indica que a EaD, no Brasil e no mundo, é uma realidade em ascensão” (LITTO; FORMIGA, 2009, p. XII).

As estatísticas apresentadas pelo Ministério da Educação (MEC) não deixam dúvidas sobre a evolução e consolidação dessa modalidade no Brasil: a EaD cresceu mais de 200% entre 2004 e 2007 (MORAN COSTAS, 2009). Tal ampliação vem de encontro a proposta da modalidade EaD que é a democratização do acesso a educação, muito importante em um país com as características do Brasil que apresenta dimensões territoriais continentais e grande desigualdade social e regional. A democratização do acesso a educação, entretanto, não é a única vantagem dessa modalidade de ensino, Moran Costas (2000), lista como vantagens da EaD:

- Combinação entre estudo e trabalho.
- Permanência do aluno em seu ambiente familiar.
- Menor custo por estudante.
- Diversificação da população escolar.
- Pedagogia inovadora.
- Autonomia do aluno.
- Materiais didáticos já incluídos no preço.
- Interatividade entre alunos, professores e técnicos de apoio.
- Apoio com conteúdos digitais adicionais.
- Conteúdos desenvolvidos com orientação de aplicabilidade.



- Flexibilidade: Onde estudar? Quando estudar? Em que ritmo?

Todas essas vantagens, no entanto, nem sempre são bem compreendidas e aceitas pela totalidade da população, muitas são interpretadas equivocadamente na avaliação popular ou leiga. De acordo com Carlini e Ramos (2009), contribuem para essa avaliação negativa algumas experiências de EaD aligeiradas e de baixa qualidade que parecem apontar que o aprendizado em tal modalidade educativa é precário, sendo comum ouvirmos expressões negativas sobre a modalidade como “aprendeu isso por correspondência?”.

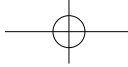
Nesse sentido também, ao abordar o preconceito com a EaD, Moran Costas (2009) indica que muitos ainda percebem essa modalidade como uma aprendizagem paliativa que atende somente pessoas que, por diferentes motivos, não tem acesso a modalidade presencial de ensino, nas palavras do próprio pesquisador:

A EaD ainda é vista por muitos como uma solução pontual para situações específicas: pessoas mais adultas, que moram em cidades distantes ou que precisam de horários mais flexíveis do que nos cursos presenciais. (MORAN COSTAS, 2009, p. 20).

Nós que trabalhamos com a EaD lidamos constantemente com o preconceito em relação a essa modalidade de ensino sendo que, muitas vezes, tal preconceito advém dos próprios colegas de profissão e/ou de instituição. Corrêa e Santos (2009) ao tratarem especificamente da temática “preconceito e educação a distância” indicam que essa questão ainda não tem um tratamento científico adequado, sendo fruto de conversas e observações ou de “percepções dos corredores”, havendo poucos estudos relacionados.

Segundo os supracitados pesquisadores “Muitos são os autores que abordam o preconceito contra a EaD como uma das dificuldades para sua implementação mas sem realizar uma pesquisa sistematizada para a averiguação desse fato.” (CORRÊA; SANTOS, 2009, p. 279). Sendo assim, como Corrêa e Santos (2009), entendemos que se faz necessário identificar se realmente existe preconceito em relação a EaD e qual seria o motivo deste, para que se possa dirimi-lo e essa modalidade educativa seja respeitada.

O objetivo dessa investigação foi identificar se realmente existe preconceito em relação a EaD e qual seria o motivo deste. Elegemos como sujeitos de nossa investigação alunos concluintes do Ensino Médio e, portanto, pessoas que estão escolhendo a sua profissão e procurando o curso de graduação que pretendem cursar. Privilegiamos esse público pela sua média de idade de 17 anos, partimos do pressuposto que tais sujeitos, por integrarem a “geração Z” - geração nascida na era digital, que passam longo tempo conectadas à internet e consomem diversas mídias ao mesmo tempo - não teriam restrições ao uso das NTICs empregadas nos modelos de EaD ofertados atualmente no



país e, assim, eliminaríamos (de nossas análises) uma das barreiras apontadas por diversos autores para a consolidação da EaD no país.

Será que a “geração Z” apresenta preconceito quanto à modalidade de ensino a distância, mesmo sendo uma geração integrada às novas tecnologias da informação e comunicação? Foi em busca da resposta deste questionamento que aplicamos questionários individuais a alunos de terceiras séries do Ensino Médio de uma escola pública do interior do Estado de São Paulo. Descrevemos nossos procedimentos de pesquisa a seguir.

2. PROCEDIMENTOS

Adotamos como metodologia para essa nossa investigação o “paradigma qualitativo” de pesquisa (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998), que se define por seu caráter holístico, naturalístico, indutivo e resultar em dados essencialmente descritivos.

Conforme antecipamos, elegemos como sujeitos de nossa investigação 94 alunos de três terceiras séries do Ensino Médio de uma escola pública do interior do Estado de São Paulo. O instrumento de coleta de dados empregado para essa investigação constituiu-se em questionário individual com 4 questões fechadas e 3 questões abertas. Tal instrumento foi aplicado por professores que lecionam no colégio, sendo facultativa a participação dos alunos – dos 112 alunos presentes no dia da aplicação (04/04/2011) 14 não quiseram responder o questionário e tiveram seu posicionamento respeitado. Também foi garantido a todos os sujeitos o anonimato.

O processo de análise adotado está fundamentado na análise de conteúdo (AC), que conforme define Bardin (2002) consiste em “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2002, p. 38). A AC compreende, segundo a referida pesquisadora, três fases: a pré-análise que consiste na fase de organização – é quando o pesquisador define o corpus documental, formula hipóteses e os objetivos e define indicadores para fundamentar a interpretação final; a exploração do material que implica em várias aproximações com o corpus que permitem selecionar referências (núcleos de sentido) para a interpretação; a interpretação quando após o tratamento dos resultados e inferência o pesquisador interpreta os dados.

As categorias, em uma pesquisa dessa natureza, podem ser definidas a priori ou a posteriori, a partir de outros trabalhos ou elaboradas pelo próprio pesquisador.



Optamos pela definição de categorias após a leitura flutuante do material, considerando para tal o referencial teórico de que nos aproximamos.

Cada uma das categorias e subcategorias foi quantificada, a partir da somatória das ocorrências (absoluta e relativa). Chegou-se aos valores relativos para cada subcategoria através do cálculo da porcentagem de sua ocorrência em relação ao total de ocorrências de todas as subcategorias. Ao longo da discussão de nossos resultados organizamos gráficos contendo as quantificações realizadas. Apresentamos e discutimos os resultados obtidos no próximo item.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As três primeiras questões do questionário, fechadas, referiam-se a *caracterização dos sujeitos* que colaboraram com a pesquisa. A primeira questão estava relacionada à variável *sexo*. Nossa intenção era perceber se a variável sexo seria importante na opção por cursos na modalidade a distância. Como Corrêa e Santos (2009), percebemos que a variável sexo não foi significativa para os resultados. Entre os participantes 44% correspondem ao sexo Masculino e 56% ao sexo Feminino, havendo um relativo equilíbrio. Entre os participantes que fariam um curso na modalidade a distância 56% corresponde ao sexo Masculino e 44% ao sexo Feminino. Entre os participantes que não fariam um curso na modalidade a distância 59% corresponde ao sexo Feminino e 41% ao sexo Masculino. A Figura 1 ilustra essas proporções.

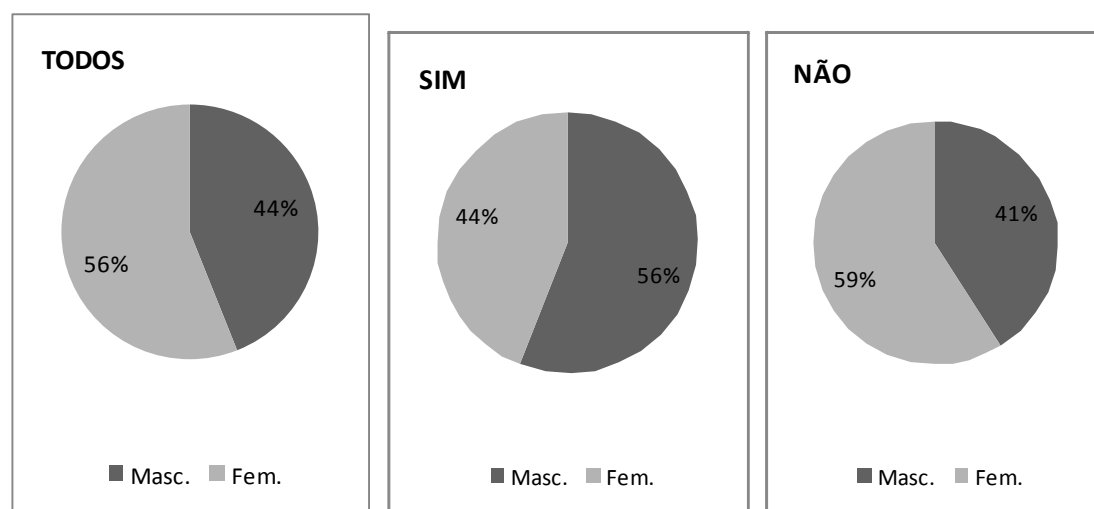
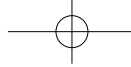


Figura 1. A distribuição dos sujeitos da pesquisa por sexo.

A segunda questão do questionário referia-se a *renda familiar média*. As opções oferecidas foram: (A) até 2 salários mínimos, (B) de 2 a 5 salários mínimos e (C) acima de cinco salários mínimos. Nosso intento era perceber se a renda familiar influenciaria a



opção dos sujeitos já que os cursos de graduação na modalidade a distância costumam ser mais acessíveis do que os cursos presenciais. Considerando os participantes que colaboraram conosco essa variável se mostrou pouco significativa. A maior parte dos sujeitos assinalaram a opção “B” que corresponde a uma renda familiar média de 2 a 5 salários mínimos (66%), seguido por aqueles que assinalaram a opção “C” acima de 5 salários mínimos (27%) e o menor número de participantes assinalou a opção “A” até 2 salários mínimos (7%). Proporção essa que praticamente se manteve entre os participantes que fariam um curso na modalidade a distância e os que não fariam. Entre os participantes que fariam 75% declararam a opção “B” como renda familiar média, 19% opção “C” e os outros 6% “A”, apresentando uma ligeira variação em relação ao grupo que não fariam a graduação a distância, que apresentou uma renda familiar média um pouco maior. Entre os participantes que não fariam um curso na modalidade a distância a proporção foi de 64% “B”, 28% “C” e 8% “A”. A Figura 2 ilustra essas proporções.

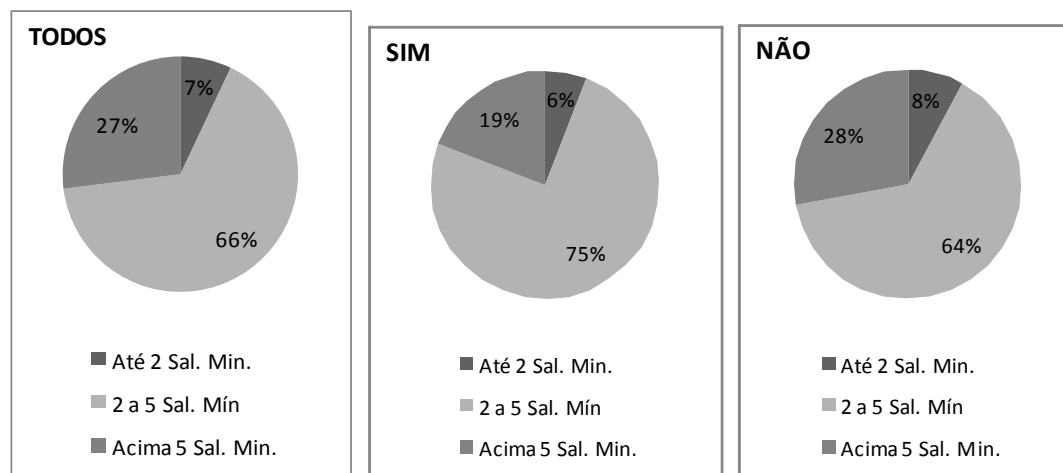


Figura 2. Renda familiar média declarada pelos sujeitos da pesquisa.

A terceira questão foi referente a frequência de *navegação na internet*. Nosso pressuposto era que os participantes por nós eleitos, por pertencerem a geração Z, fariam uso da internet com frequência. Ao buscarmos validar esse pressuposto gostaríamos de verificar se a familiaridade com a internet poderia influenciar a opção dos sujeitos da pesquisa em fazer ou não um curso de graduação na modalidade a distância. Entre as opções do questionário colocamos: (A) nunca, (B) até 2 vezes por semana, (C) mais de 2 vezes na semana e (D) todo dia. Nenhum participante selecionou a opção “A” e a maior parte dos participantes (76%) assinalaram a opção “D” acessam a internet todos os dias, seguidos pelos que assinalaram a opção “C” (19%) acessam a internet mais de 2 vezes por semana e a menor parte assinalou a opção “B” (5%) acessam a internet até 2 vezes por semana. Aqui vemos uma ligeira diferença entre os participantes que fariam e não fariam um curso na modalidade a distância, sendo que entre os que fariam a frequência do uso



da internet é maior: 87,5% assinalaram a opção “D” e 12,5% a opção “C”. Entre os que não fariam, muitos também acessam a internet todos os dias – 73% deles, 21% assinalaram a opção “C” e 6% a opção “B” – o que indica que esse grupo tem uma frequência ligeiramente menor de acesso a internet. A Figura 3 ilustra essas proporções.

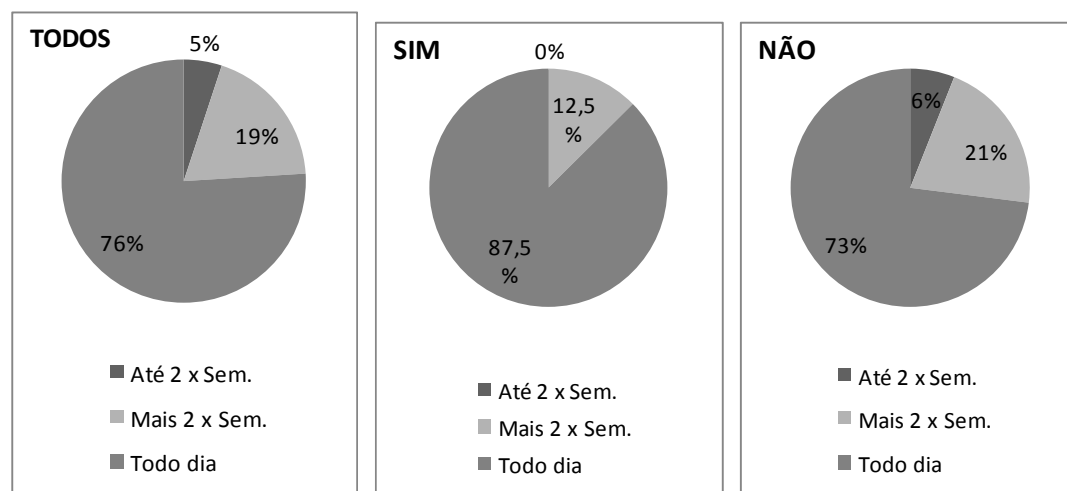


Figura 3. Frequência de navegação de internet dos sujeitos da pesquisa.

A quarta questão do questionário era referente ao *curso de graduação escolhido* pelos participantes. Nosso objetivo era identificar se a área escolhida pelo sujeito da pesquisa influenciaria sua opção por fazer uma graduação na modalidade a distância. Corrêa e Santos (2009) também analisaram essa variável ao investigarem o preconceito e a EaD e concluíram que o positivismo intrínseco das ciências exatas faz com que os estudantes da área de exatas se prendam ao paradigma educacional presencial e avaliem a modalidade a distância negativamente. Os dados que analisamos indicam que a aceitação da EaD pelos sujeitos que pretendem cursar sua graduação na área de humanas é maior do que os pretendem cursar sua graduação na área de exatas, mas as justificativas apresentadas por esses sujeitos para a opção feita nos levam a crer que isso se deva pelo pouco conhecimento da metodologia EaD no país. A Figura 4 ilustra as proporções por áreas identificadas.

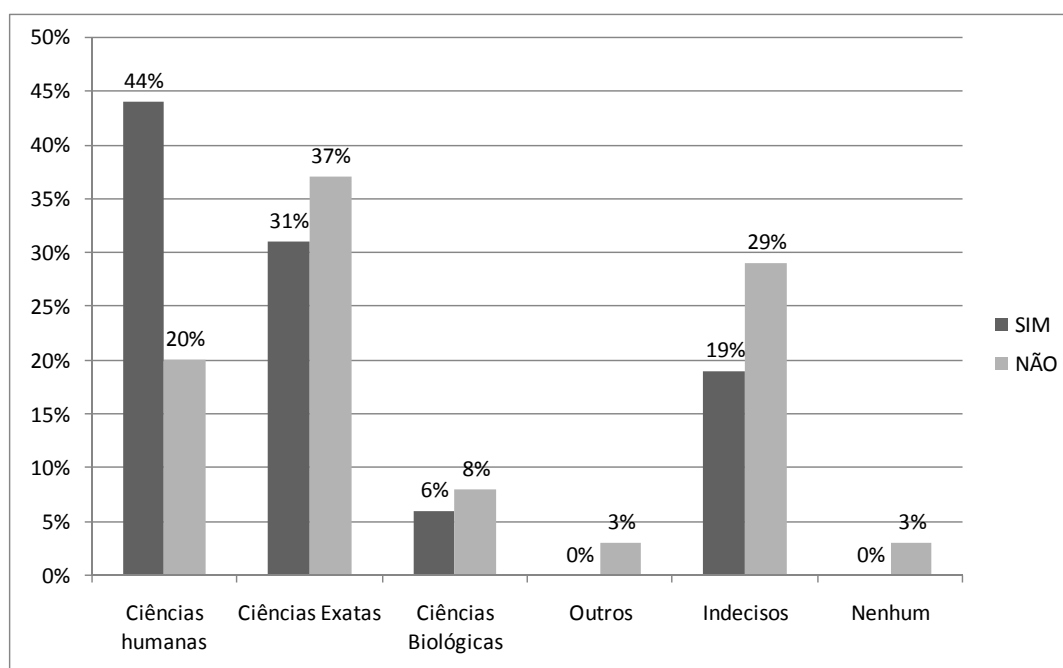
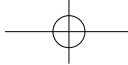


Figura 4. Área do curso de graduação escolhido pelos sujeitos que fariam e os não fariam um curso na modalidade EaD.

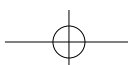
A quinta questão era referente a *definição do que é a educação a distância*. No Artigo 1º do Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005¹, a educação a distância é caracterizada como

[...] modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (DECRETO 5.622/2005).

Essa modalidade educativa pode ser ofertada, ainda de acordo com o referido decreto, em diferentes níveis e modalidades educacionais: educação básica, educação de jovens e adultos, educação especial, educação profissional (técnicos, tecnológicos) e educação superior (sequenciais, graduação, especialização, mestrado e doutorado). No que se refere especificamente ao curso de graduação, conforme detalha Moran Costas (2009), existem diversos modelos metodológicos propostos – os principais são: teleaula, WEB, videoaula – sendo que a normatização do MEC determina que esses cursos sejam semipresenciais, onde os alunos desenvolvem parte das atividades presencialmente em um polo de apoio.

Ao inserirmos em nosso instrumento de coleta de dados uma questão aberta referente a definição da modalidade de educação a distância, objetivávamos identificar se os sujeitos que colaboraram com nossa investigação tinham clareza do que seja essa

¹ O referido Decreto regulamenta o artigo 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB).



modalidade de ensino. Categorizamos as respostas em três níveis diferentes de compreensão da modalidade EaD:

- “Não sabem” – nos casos em que o sujeito não conseguiu definir o que vem a ser a EaD. Exemplos: “Eu acho quando você estuda em outra cidade ou pela internet. Á não sei o que é.”; “Educação fora da sala de aula”; “Uma educação que fica a uma certa distância de você”.
- “Pouco claro” – nos casos em que o sujeito acabou sendo pouco específico ao definir a EaD ou cometeu algum equívoco. Exemplos: “Penso que a educação a distância através da internet, hoje é de ótima qualidade, pois há cobrança.”; “Educação sem interação do aluno com o professor, onde falta participação e trocas imediatas de idéias.”; “Quando você faz um curso sem ir a escola”.
- “Tem clareza” – nos casos em que o sujeito conseguiu definir o que vem ser a EaD. Exemplos: “A educação à distância é um programa de ensino via internet, onde profissionais de plantão fazem uma web aula, tirando dúvidas e auxiliando o aluno nas disciplinas”; “Um ensino onde o contato entre aluno e professor é por internet e só é preciso comparecer quando são marcadas provas ou coisas do gênero.” ; “É o estudo através da internet, onde você só vai a faculdade para a feitura de provas”.

A análise dos questionários indica que a maior parte dos sujeitos que colaboraram conosco não tinham clareza, no momento da pesquisa, do que é a EaD (68% do total), poucos tinham clareza do que é a EaD (22% apenas) e alguns não sabiam o que é a EaD (10% do total). Quando comparamos os sujeitos que fariam um curso de graduação na modalidade a distância e os que não fariam houve uma ligeira variação. Os alunos que fariam apresentam menor conhecimento sobre a modalidade a distância: 19% não sabem e 81% têm pouco claro o que é essa modalidade educativa. Já os que não fariam apresentam um número maior de sujeitos que tinham clareza do que é a EaD (25% deles), um percentual menor dos que não sabiam (8%) e a maioria tinha pouco claro o que é a EaD (65%). A Figura 5 ilustra essas proporções.

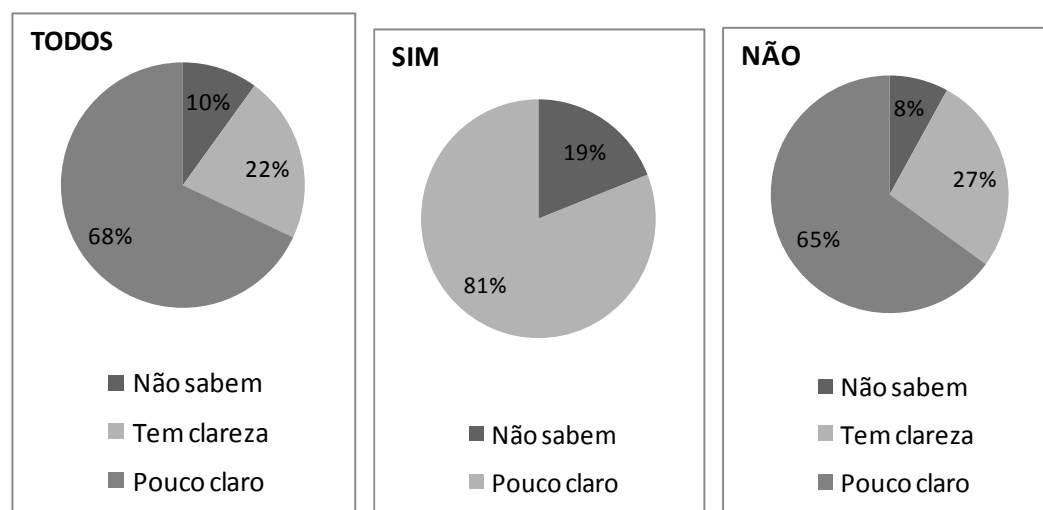


Figura 5. Clareza quanto à definição do que é a EaD.



A sexta questão do questionário era fechada e buscava identificar se os sujeitos que colaboraram com nossa investigação fariam ou não o que curso de graduação que pretendem cursar na modalidade a distância. Nosso intento era verificar se essa geração que caracteriza-se por ter acesso muito fácil à internet e têm habilidade com a tecnologia, além de saber filtrar toda informação usando-a apenas as que consideram importantes – e, portanto, estaria mais adaptada ao uso das NTICs – optariam por cursar sua graduação na modalidade a distância. Nossa hipótese foi refutada, uma vez que, a grande maioria – 83% dos sujeitos que colaboraram com nossa investigação – não fariam um curso na modalidade a distância, apenas 17% dos 94 alunos que colaboraram conosco fariam. A Figura 6 ilustra essas proporções.

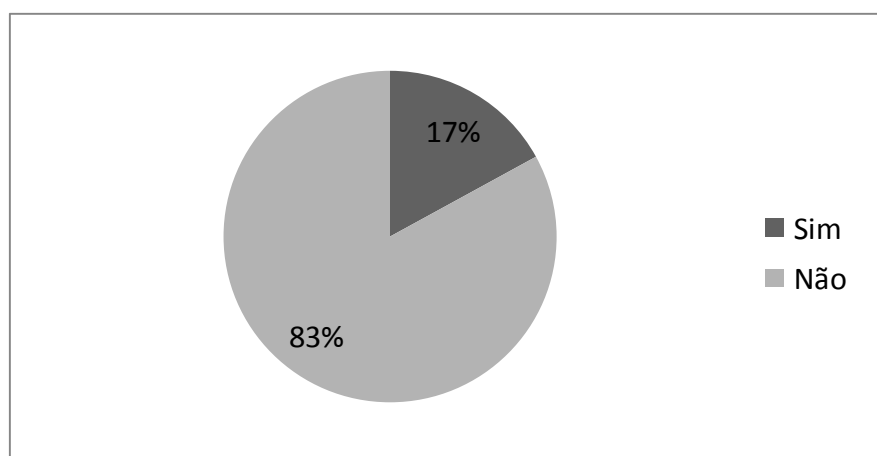


Figura 6. Proporção de sujeitos que fariam e não fariam graduação na modalidade a distância.

A última questão referia-se a *justificativa do posicionamento do sujeito*, o porquê ele faria ou não faria uma graduação na modalidade a distância. Aqui identificamos 9 categorias diferentes de justificativas entre os sujeitos que não fariam um curso na modalidade a distância e outras 4 categorias de justificativa entre os sujeitos que fariam um curso na modalidade a distância.

Entre os sujeitos que não fariam um curso de graduação na modalidade a distância, identificamos as seguintes categorias de justificativas:

- Inadequação a metodologia – aqueles que afirmaram que não conseguiriam se adaptar a metodologia. Exemplo: “Porque eu acho que não conseguiria aprender direito. Quando você vai a escola você dedica pelo menos aquele tempo para estudar, em casa tem tanta coisa para fazer que você se atrapalha, não estuda muito, pensa em outras coisas...”. Essa categoria apresentou o maior percentual 26% dos sujeitos que não fariam um curso na modalidade a distância.
- Desconhece a metodologia – ao argumentar apresentou alguma inconsistência no que acredita ser a metodologia EaD. Exemplo: “Não porque cursos a distância não têm uma interação entre aluno e professor”. Essa categoria corresponde a 21% do total dos sujeitos que não fariam um



curso na modalidade a distância.

- Aulas práticas – os que acreditam que o curso que escolheram é eminentemente prático, sendo difícil ou pouco produtivo sua realização na modalidade a distância. Exemplo: “Não, porque o curso que pretendo fazer exige muita prática, com uso de aparelhos especiais”. Perfaz 19% do total.
- Convívio social – não fariam o curso na modalidade a distância por desejarem terem o contato com colegas durante toda a semana. Exemplo: “Na minha opinião não é muito interessante nós ainda precisamos de calor humano”. Corresponde a 9% do total.
- Curso com menor qualidade – não fariam uma graduação nessa modalidade, pois acreditam que tais cursos apresentam qualidade inferior ao na modalidade presencial, ou menos rigor. Exemplo: “O ensino a distância não exige 100% do aluno”. Perfaz 6% do total.
- 2ª opção de formação: não fariam a primeira graduação na modalidade a distância, mas uma segunda sim. Exemplo: “Minha primeira graduação eu não faria, pois quero estar entretida no meio universitário, mas faria outra graduação a distância”. Corresponde a 5% do total.
- Preconceito do mercado de trabalho: não fariam, pois, em sua concepção, a modalidade a distância de ensino não é aceita ou bem quista no mercado de trabalho. Exemplo: “Ainda há muito preconceito do mercado de trabalho em relação as graduações a distância”. Perfaz 3% do total.
- Não há o curso na modalidade – não fariam porque pretendem seguir carreira militar, então não teriam a possibilidade de optar já que não existe o curso na modalidade a distância. Exemplo: “Pois não tinha como”. Corresponde a 1% do total.
- Outros: assinalaram que não fariam o curso na modalidade a distância e apresentaram justificativas que não se encaixaram em nenhuma das categorias propostas. Exemplo: “Porque não”. Corresponde a 10% do total de sujeitos que não fariam um curso na modalidade a distância.

A Figura 7 ilustra as proporções de cada categoria descrita.

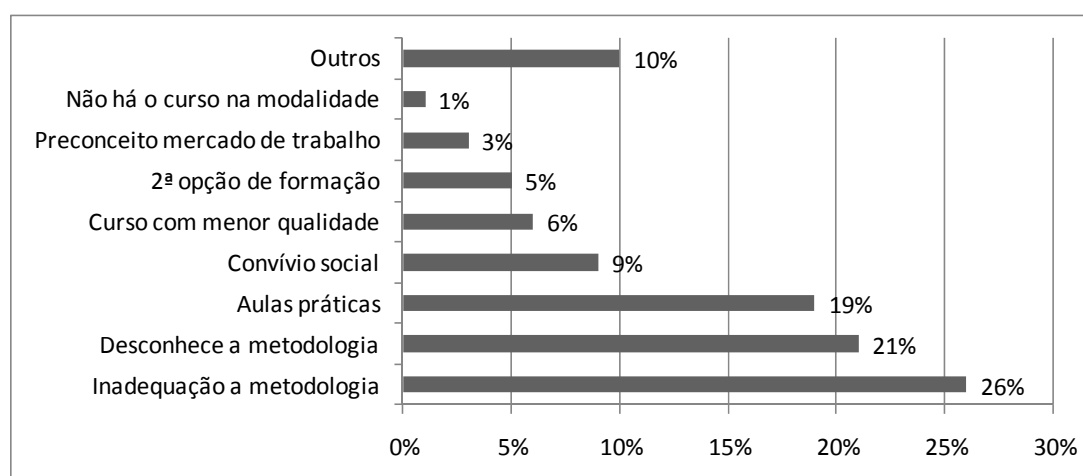
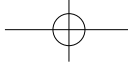


Figura 7. Proporção das categorias de justificativas apresentadas pelos sujeitos para não realizar um curso na modalidade a distância.



Ao analisarmos as proporções das justificativas apresentadas pelos sujeitos que não fariam um curso na modalidade EaD, percebemos o destaque dado a metodologia e a exigência de autonomia e disciplina que essa modalidade de educação exige (26% do total). Rurato e Gouveia (2005), ao discutirem o perfil do aluno EaD bem sucedido, apresentam sete dimensões significativas que estes precisam apresentar para terem sucesso em um curso nessa modalidade: terem acesso às ferramentas apropriadas, terem experiência anterior com a tecnologia, fatores relacionados com o estilo de vida (como conseguir terminar em tempo as suas tarefas), suas preferências de aprendizagem, os objetivos e os propósitos que motivam os estudantes a iniciarem um programa ou curso de EaD, os hábitos e a capacidade de estudo e as características pessoais (auto-disciplina do aluno) são fatores apontados como importantes e decisivos para o sucesso ou não do aluno na EaD.

Garcia (2007) reforça os aspectos trazidos por Rurato e Gouveia (2005), ao tratar da postura do aprendiz na modalidade de EaD; esta indica a autonomia do estudante como imprescindível, em suas palavras:

Saber gerir seu tempo; organizar-se a fim de vencer as diferentes etapas do curso, desenvolvendo as atividades sugeridas e participando ativamente das inúmeras interações via chat, fóruns, listas de discussões e outras ferramentas disponíveis no ambiente on-line adotado; disciplinar-se e manter-se motivado para concluir o que se propôs iniciar são algumas das características necessárias ao aprendiz virtual, que terá de administrar seu curso individualmente, o que pode lhe trazer um certo desconforto, devido a seu isolamento físico (GARCIA, 2007, p. 6).

Alves e Cogo (2008), ao analisarem as vivências de estudantes de licenciatura em enfermagem na modalidade a distância, constataram que as estudantes que participaram da investigação empreendidas por elas avaliaram que a modalidade de educação a distância exige maior esforço e dedicação do aluno em comparação a modalidade de ensino presencial, embora essas estudantes valorizarem a flexibilidade que essa modalidade de ensino oferece.

Outra categoria que se sobressai ao considerarmos as argumentações apresentadas pelos sujeitos que não fariam um curso na modalidade EaD é o desconhecimento das metodologias empregadas na modalidade de educação a distância (21% do total). Muitos afirmam não optar por essa modalidade por não haver interação entre o professor-aluno ou não haver alguém que possa sanar suas dúvidas. Lück (2008) rebate essa crítica feita a metodologia de ensino a distância, considerando o trabalho de outros autores, argumentando que a interação é um desafio para a educação independentemente da modalidade escolhida, e enfatiza o quanto a tecnologia potencializa a interatividade permitindo uma densa rede de inter-relações entre os indivíduos.





A categoria que aponta a necessidade de aulas práticas no curso de graduação escolhido também se destaca (19% do total) e é mais um indicador de que os sujeitos que colaboraram com a nossa investigação desconhecem a metodologia de ensino a distância adotada no país, devido às exigências do MEC para credenciamento dos cursos, pois é necessária a realização de atividades presenciais para a validação dos cursos e, nesse sentido, as aulas práticas são realizadas, além da exigência da prática de estágios supervisionados (a depender da natureza da graduação).

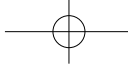
O desconhecimento da metodologia empregada nos cursos de graduação na modalidade a distância no país também parece ser o elemento responsável pela significativa expressão da categoria convívio social (9% do total), já que os sujeitos de nossa investigação parecem desconhecer que haverá esse convívio, a diferença é que ele não ocorrerá com a mesma frequência que nos cursos de graduação na modalidade presencial.

O preconceito em relação a modalidade de ensino a distância, de fato, apareceu em menor proporção e em duas categorias diferentes: apenas 6% dos sujeitos afirmaram que os cursos nessa modalidade apresentam menor qualidade e 3% indicaram haver preconceito em relação aos profissionais formados nessa modalidade. Como Moran Costas (2009), entendemos que a qualidade de um curso na modalidade a distância, assim como no ensino presencial, envolve todo um processo (seriedade e coerência do projeto pedagógico; qualidade dos gestores, educadores, mediadores; envolvimento do aluno) e como há instituições sérias e há instituições menos sérias no ensino presencial, assim também, ocorre na EaD – faz-se necessário pesquisar e selecionar bem a instituição que irá cursar a graduação independentemente da modalidade educativa escolhida (presencial ou a distância).

Já entre os sujeitos que fariam um curso de graduação na modalidade a distância, identificamos as seguintes categorias de justificativas:

- Flexibilidade para estudar – aqueles que afirmaram que escolheriam essa modalidade pela flexibilidade de horários. Exemplo: *“Pois seria mais cômodo, podendo encaixar em um horário que não atrapalhe o trabalho”*. Essa categoria corresponde a opinião de 31% dos sujeitos que afirmaram que fariam um curso na modalidade a distância.
- 2ª opção de formação – aqueles sujeitos que fariam somente o curso na modalidade a distância se não houver outra opção. Exemplo: *“Mas esta modalidade seria escolhida apenas em último caso, pois imagino que as aulas presenciais sejam mais produtivas”*. Também corresponde a 31% dos sujeitos que fariam um curso na modalidade a distância.
- Adequação a metodologia – aqueles que afirmaram que consideram a metodologia interessante, positiva. Exemplo: *“Acho bem interessante, um maneira diferente que pode ajudar muitas pessoas”*. Essa categoria corresponde





a 19% dos sujeitos que fariam um curso na modalidade a distância.

- Outros – respostas que não se encaixaram em nenhuma das categorias identificadas anteriormente. Exemplo: “*Quero um futuro bom*”. Também corresponde a 19% dos sujeitos que fariam um curso na modalidade a distância.

A Figura 8 ilustra as proporções de cada categoria descrita.

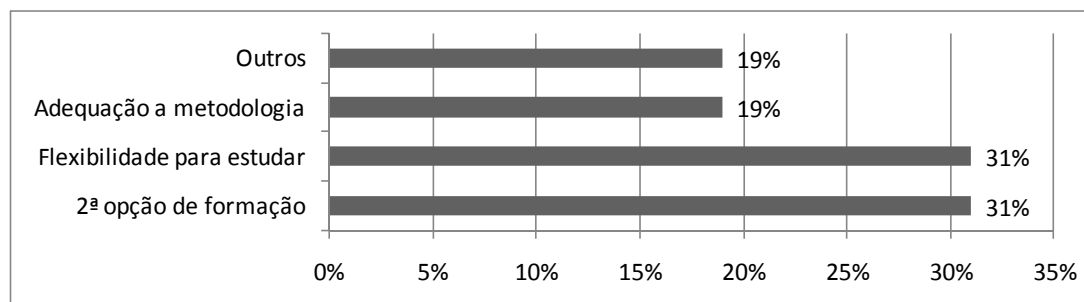


Figura 8. Proporção das categorias de justificativas apresentadas pelos sujeitos para realizar um curso na modalidade a distância.

Aqui vemos que uma das principais justificativas para optarem por um curso na modalidade a distância (31% do total), entre os sujeitos que colaboraram conosco, é a flexibilidade de horários que essa modalidade de ensino oferece, inclusive essa é uma das principais vantagens dessa modalidade de ensino. Entretanto, na mesma proporção (31% do total), estão os sujeitos que só optariam por essa modalidade educativa caso não tenha outra possibilidade, como uma medida paliativa. Moran Costas (2009) destaca esse posicionamento e o rebate enfatizando o quanto a modalidade a distância é importante para dinamizarmos os processos educativos atuais, em suas palavras:

A EAD ainda é vista por muitos como uma solução pontual para situações específicas: pessoas mais adultas, que moram em cidades distantes ou que precisam de horários mais flexíveis do que nos cursos presenciais. Aos poucos se percebe que as atividades a distância são fundamentais para a aprendizagem atual, para atender a situações muito diferenciadas de uma sociedade cada vez mais complexa. A EAD, apesar do preconceito de muitos, é fundamental para modificar processos insuficientes e caros de ensinar para muitas pessoas ao longo da vida (MORAN COSTAS, 2009 p. 20).

Outra justificativa apresentada pelos sujeitos que colaboraram conosco e que afirmaram que fariam um curso na modalidade a distância (19% deles) é a que consideram a metodologia empregada na EaD interessante para o seu processo de aprendizagem. Entretanto, na mesma proporção (19% deles), identificamos sujeitos que não conseguiram justificar seu posicionamento. Aliás, dentro do universo total investigado, 18% dos sujeitos que colaboraram conosco, não conseguiram justificar o seu posicionamento favorável ou não quanto a EaD o que, para nós, denota a falta de clareza dos sujeitos envolvidos quanto a essa modalidade de ensino.





4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos os resultados alcançados em nosso universo de análise, embora não possamos generalizá-los, podemos afirmar que o preconceito em relação a EaD existe e se deve, em grande proporção, ao desconhecimento da metodologia empregada nessa modalidade de ensino. Ainda está muito presente e generalizada as experiências pouco favoráveis desenvolvidas no país e pouco difundida as experiências positivas com a EaD tanto no Brasil quanto no mundo.

Não acreditamos, assim como Lüke (2008, p. 261), que a EaD “seja a redentora dos graves problemas educacionais existentes em nosso país”, mas também como essa pesquisadora entendemos que a EaD “poderá contribuir significativamente para as mudanças necessárias”. Nesse intuito, como Rosa (2008), entendemos como fundamental para o reconhecimento do potencial da modalidade educativa a distância medidas que favoreçam a socialização/discussão de informações sobre a EaD para dirimir dúvidas e o preconceito com relação a essa modalidade educativa.

O grande crescimento do acesso a internet, a familiaridade com as NTICs, de parcela da população brasileira, e a grande disponibilidade de informações disponíveis em diversos veículos de comunicação parecem não estar garantindo o reconhecimento das potencialidades dessa modalidade de ensino nem mesmo na parcela da população mais “entrosada” com a tecnologia.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R.H.K.; COGO, A.L.P. Vivência de estudantes de Licenciatura em Enfermagem em disciplina na modalidade a distância. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 626-632, dez. 2008.
- ALVES-MAZZOTTI, A.J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Editora Pioneira, 1998.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BRASIL. Decreto n. 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, 19 de dezembro de 2005.
- CARLINI, A.L.; RAMOS, M.P. A avaliação do curso. In: LITTO, F.M.; FORMIGA, M. (Orgs.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 161-165.
- CORRÊA, S.C.; SANTOS, L.M.M. Preconceito e educação a distância: atitudes de estudantes universitários sobre os cursos de graduação na modalidade a distância. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.11, n.1, p.273-297, dez. 2009.
- GARCIA, T.M. As variáveis que interferem no processo de ensino e aprendizagem em cursos on-line. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, São Paulo, v. 7, p. 1-9, dez. 2007.





LITTO, F.M.; FORMIGA, M. Apresentação. In: _____. (Orgs.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. XIII-XV.

LÜKE, E.H. Educação a distância: contrapondo críticas, tecendo argumentos. **Educação**, Porto Alegre, v. 31, n. 65, p. 258-267, set./dez. 2008.

MORAN COSTAS, J.M. O ensino superior a distância no Brasil. **Educação & Linguagem**, São Paulo, v. 12, n. 19, p. 17-35, jan./jun. 2009.

_____. Ensino e Aprendizagem inovadores com Tecnologias. **Informática na Educação**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 137-144, 2000.

NUNES, I.B. A história da EAD no mundo. In: LITTO, F.M.; FORMIGA, M. (Orgs.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p.2-8.

RURATO, P.; GOUVEIA, L.B. Uma reflexão sobre o perfil dos aprendentes adultos no ensino a distância. **Revista da Faculdade de Ciência e Tecnologia**, Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, n.2, p.174-199, 2005.

Caroline Pinto de Oliveira Orsi

Mestre em Educação e graduada em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Atua como professora tutora de educação a distância e professora de geografia no ensino fundamental, médio e pré-vestibular. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Ambiental.

Cintia Galeni

Possui graduação em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e especialização em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP). Atualmente é Professora Tutora a distância da Universidade Anhanguera - Uniderp do curso de administração.

Greice Benetti Meira

Turismóloga, especialista em Gestão Estratégica de Negócios, Coordenadora Administrativa dos Tutores a Distância do Pólo de Leme/SP.

